

FOCALIZAÇÃO, CARTOGRAFIA E SENTENÇAS CLIVADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

por Simone Guesser (UFRR)¹ e Sandra Quarezemin (UFSC)²

RESUMO

Neste trabalho, discutimos o comportamento sintático e pragmático-discursivo das sentenças clivadas no português brasileiro (doravante PB), nos casos de focalização do sujeito e do objeto. A fim de explicar algumas peculiaridades desse tipo de sentença, juntamos as análises propostas por Belletti (2010) e por Roisenberg e Menuzzi (2008). Também propomos uma nova explicação para os padrões de concordância entre a cópula e o constituinte focalizado. Nossa hipótese principal é que as estruturas clivadas no PB fazem uso de duas projeções Foco diferentes de acordo com o tipo de interpretação focal (foco contrastivo versus foco de informação nova).

PALAVRAS-CHAVE: *foco; cartografia; clivadas; português brasileiro.*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho³ tem como objetivo investigar a sintaxe e os aspectos pragmático-discursivos das sentenças clivadas canônicas e invertidas do PB, tais como aquelas ilustradas, respectivamente, em (1) e (2):

- (1) Foi um livro que a Maria comprou. **clivada canônica**
(2) Um livro foi que a Maria comprou. **clivada invertida**

Para alcançar esse objetivo, no que segue forneceremos um panorama das estratégias de focalização do sujeito e do objeto em PB, seja em contextos contrastivos, seja de nova informação. Em conexão, apresentaremos as análises propostas na literatura para as sentenças com foco não clivadas, ou seja, as frases que manifestam as ordens SVO, OSV, SV e VS. A descrição e análise de tais estruturas é relevante para o estudo das clivadas na medida em que nos permite identificar as projeções de Foco ativadas em PB, assim como os tipos de interpretações focais a elas associadas.

1. Pós-doutoranda e professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima
E-mail: simoneguesser@yahoo.com.br

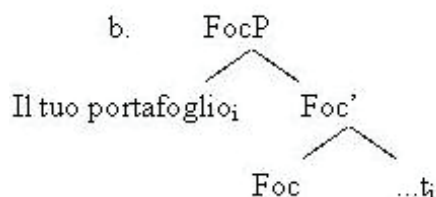
2. Professora no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: sandra@cce.ufsc.br

3. Agradecemos aos avaliadores deste artigo pela leitura atenta e pelos comentários pertinentes acerca da análise proposta. Alguns dos apontamentos levantados serão retomados em pesquisa futura. Todos os erros remanescentes são de nossa responsabilidade. Ressaltamos que parte deste trabalho foi desenvolvido durante o Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) de Simone Guesser.

2. O FENÔMENO DA FOCALIZAÇÃO E A ABORDAGEM CARTOGRÁFICA

Segundo a abordagem cartográfica (cf. RIZZI, 1997; CINQUE, 2002; RIZZI, 2004; BELLETTI, 2004; CINQUE e RIZZI, 2010), processos de focalização envolvem o movimento de um sintagma da sua posição de *external merge* ao especificador da projeção de Foco, o núcleo funcional dedicado à articulação da frase em foco-suposição (cf. RIZZI, 1997). A estrutura com foco periférico contrastivo do italiano que aparece em (3) ilustra essa ideia:

- (3) a. IL TUO PORTAFOGLIO ho preso (, non il suo)
'A TUA CARTEIRA peguei (, não a dele)'



Em (3b), o sintagma *il tuo portafoglio* (*a tua carteira*) e o núcleo Foco manifestam uma relação Spec-núcleo e, por consequência, compartilham a interpretação/traço focal. Nessa perspectiva, a interpretação de um sintagma como o foco da sentença - bem como o acento entoacional que o caracteriza - é uma consequência direta da configuração sintática, mais especificamente, do fato de que um sintagma ocupa o Spec da projeção FocP. Nas linhas de Chomsky (1993), o movimento sintático esquematizado em (3b) (e, mais especificamente, a formação de cadeias não triviais na sintaxe) é concebido como uma operação de último recurso, que se manifesta para satisfazer certos requisitos do núcleo Foc°. Tais requisitos são expressos em termos de Critérios - como originariamente explicitado em Rizzi (1991), Haegman (1995) e trabalhos sucessivos - e, no caso específico do processo de focalização, o critério pode ser expresso como em (4), seguindo Rizzi (1997):

- (4) Focus Criterion
i. A Foc-Operator must be in a Spec-head configuration with a [+Foc] X⁰.
ii. A [+Foc] X⁰ must be in a Spec-head configuration with a Foc-operator.

Duas são as contribuições cartográficas centrais para estudos que envolvem o fenômeno da focalização. O primeiro é o trabalho de Rizzi (1997). Estudando a interação de diferentes sintagmas na periferia esquerda da frase do italiano, o autor mostra que o sistema complementizador deve ser concebido como uma zona composta por uma hierarquia de núcleos funcionais distintos e suas respectivas projeções, tal como explicitado em (5). O especificador da projeção FocusP de (5) é a posição dedicada à focalização contrastiva em italiano. Assim, uma frase como aquela em (6a) tem a representação em (6b).

- (5) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [FinP [IP.....]]]]]]]]⁴

4. A hierarquia em (5) se refere aos contextos matrizes. Para as frases encaixadas, Rizzi (2001) propõe a estruturação em (i), que não será evocada neste trabalho.

(i) ... Force (TOP*) INT (TOP*) FOC (TOP*) Wh (TOP*) ...

- (6) a. IL TUO LIBRO ho letto (non il suo)
 ‘O teu livro eu li, (não o dele)’
 b. $[_{ForceP} [_{TopP} [_{FocP} IL\ TUO\ LIBRO_i [_{TopP} [_{FinP} [_{IP} ho\ letto\ t_i]]]]]]]]$

A segunda contribuição basilar é a de Belletti (2001, 2004). A autora propõe que a área imediatamente acima de VP tem uma projeção de Foco circundada por projeções de tópico, formando uma periferia de VP paralela à periferia esquerda da frase:

- (7) $[_{CP} \dots [_{TP} \dots [_{TopP} \dots [_{FocP} Foc [_{TopP} \dots \dots VP]]]]]]]$

Belletti (2001, 2004) propõe que a posição de Focus ilustrada em (7) aloja o sujeito focalizado em posição pós-verbal, bem como outros elementos interpretados como nova informação em línguas como o italiano⁵. Uma frase com o sujeito de nova informação como (8b) tem a derivação em (8c): o sujeito ocupa o Spec de FocP da periferia de VP, o verbo vai para um núcleo funcional mais alto que FocP, e um *pro* referencial (cf. BELLETTI, 2005) satisfaz o EPP na posição de sujeito pré-verbal.

- (8) a. Chi è partito / ha parlato ? (‘quem partiu/falou?’)
 b. E’ partito / ha parlato Gianni (‘partiu/falou Gianni’)
 c. $[_{CP} \dots [_{TP} pro \dots è\ partito/ha\ parlato \dots [_{Top} [_{FocP} Gianni [_{TopP} [_{VP} \dots]]]]]]]]$

Além das duas análises descritas acima, outros dois trabalhos cartográficos mais recentes oferecem resultados particularmente relevantes para o estudo sobre o processo de focalização e, em especial, para a pesquisa sobre a sintaxe das sentenças clivadas do PB. O primeiro é o trabalho de Rizzi (2006), e o segundo o de Rizzi e Shlonsky (2007).

2.1. Rizzi (2006): sobre a forma das cadeias-A’ e o *Criterial Freezing*

Rizzi (2006) assume a caracterização das cadeias-A’ como uma conexão entre uma posição de s-seleção e uma posição criterial. A primeira é dedicada à atribuição de papel temático aos argumentos e à atribuição de propriedades interpretativas aos modificadores, advérbios de vários tipos, etc. A segunda é designada à marcação de escopo e outras propriedades discursivas como foco, tópico etc.

- (9) ... criterial s-selection ...

Rizzi mostra uma série de fenômenos sintáticos e interpretativos que levam à conclusão de que, ainda que princípios de localidade possam requerer a presença de posições entre a posição de s-seleção e a criterial, uma cadeia deve iniciar com a primeira e terminar com a segunda, e deve ter exatamente uma posição de cada tipo. Portanto, as três seguintes restrições são impostas a uma cadeia-A’:

- A) um argumento não pode ser inserido numa posição não-temática e então mover-se a uma posição de s-seleção para receber um papel temático;
 B) um argumento não pode ser inserido em uma posição de seleção e obter um outro papel temático através de movimento;
 C) em uma cadeia-A’ não são permitidas posições acima da posição criterial.

5. As projeções de Tópico em (7) são assumidas para capturar a possível interpretação do sujeito pós-verbal como tópico.

A impossibilidade do movimento a partir de uma posição criterial enunciada em C é expressa por Rizzi na forma de um princípio, o *Criterial Freezing*, o qual estabelece que quando um sintagma alcança uma posição criterial ele é congelado, e a cadeia-A' não pode mais estender-se:

(10) *Criterial Freezing*: a phrase meeting a criterion is frozen in place.

2.2. EPP revisitado e uma nova perspectiva para as assimetrias sujeito-objeto

Com esse ponto de vista sobre as cadeias-A', Rizzi (2006) propõe uma revisão do EPP, o princípio que exprime a obrigatoriedade da posição sujeito da frase. Assumindo uma dissociação entre a posição EPP e o sistema de Caso-concordância, o autor interpreta EPP como uma posição criterial. Esta seria responsável pela propriedade interpretativa de aboutness do sujeito, ou seja, a propriedade que o caracteriza como o elemento a partir do qual se apresenta um evento. Nessa perspectiva, o movimento à posição sujeito passa a ser visto como realizado para satisfazer um critério: existe um núcleo criterial na parte mais alta do sistema flexivo, Subj°, o qual atrai um elemento nominal ao seu Spec:

(11) [SubjP... [Subj°... [... Agr° ...

Unindo a revisão do EPP à noção do *Criterial Freezing*, Rizzi (2006) fornece uma nova abordagem para as assimetrias sujeito-objeto que emergem no âmbito da extração-A', as quais classicamente eram atribuídas ao ECP. Considerem-se os exemplos de assimetria sujeito-objeto em (12) e (13).

(12) a. *Who do you think [that [t will come]]
b. Who do you think [that [Mary will meet t]]

(13) a. *Qui crois-tu [que [t viendra]]?
b. Qui crois-tu [que[Marie rencontrera t]]

As estruturas em (12a) e (13a) são excluídas porque os elementos *who* e *qui*, depois que se movem para o Spec de SubjP para satisfazer o *Subject Criterion*, são congelados e se tornam indisponíveis para um ulterior movimento para o CP matriz.

2.3. Rizzi e Shlonsky (2007): sobre o fenômeno da extração do sujeito

A análise de Rizzi (2006) para as assimetrias sujeito-objeto dá conta da imobilidade do sujeito, como vimos na seção precedente. Todavia, ainda que sujeitos sejam mais difíceis de extrair em relação a objetos e outros argumentos, eles não são imóveis: as línguas são capazes de formar interrogativas e outras construções-A' envolvendo um sujeito. Do ponto de vista da abordagem de Rizzi (2006), quando uma construção-A' com sujeito é formada, ela deve ser resultante de alguma estratégia que evita o efeito de congelamento ligado à posição Sujeito criterial. Segundo o estudo de Rizzi e Shlonsky (2007), as estratégias de extração do sujeito se inserem em duas grandes categorias: 1) estratégias de sujeito fixo e 2) *skipping strategies*.

Na primeira, o sujeito não se move; ele permanece na posição de congelamento em Spec de SubjP, e uma construção-A' envolvendo o sujeito é realizada ou através do uso de pronomes resumptivos ou através do fenômeno de *clausal pied-piping*, que envolve o movimento de um constituinte mais amplo

que inclui o sujeito congelado. A segunda categoria de estratégias permite que o sujeito temático salte a posição de Spec de SubjP, evitando assim o efeito do *Criterial Freezing*. A modalidade mais familiar de *skipping strategy* é aquela usada pelo italiano e outras línguas de sujeito nulo. Atualizando a análise em termos de ECP proposta em Rizzi (1982), Rizzi e Shlonsky (2007), assumem que a extração do sujeito do italiano em (14a) envolve a derivação em (14b), onde Spec de SubjP é preenchido por um *pro* expletivo que satisfaz formalmente o *Subject Criterion*. Dessa forma, o elemento-wh sujeito não deve mover-se ao Spec de SubjP para satisfazer o *Subject Criterion* e fica livre para se mover da sua posição temática (ou alguma outra posição interna ao predicado) e alcançar uma posição criterial na periferia esquerda da frase matriz⁶.

- (14) a. Chi credi che vincerà?
 b. Chi credi [che [pro_{expl} Subj vincerà t_{chi}]]

(RIZZI e SHLONSKY, 2007)

3. O PROCESSO DE FOCALIZAÇÃO EM PB

A descrição e análises que seguem são baseadas nos estudos de Mito (2001, 2003), Quarezemin (2005, 2009) e Guessier (2007). Segundo Mito (2001, 2003) e Quarezemin (2005, 2009), o PB dispõe de várias estratégias para a focalização estreita. Para focalizar o objeto, esta língua se vale das seguintes possibilidades:

- (15) a. A Maria comprou um livro. (**Ordem SVO**)
 b. Um livro a Maria comprou. (**Ordem OSV**)
 c. O que a Maria comprou foi um livro. (**Pseudoclivada**)
 d. Foi um livro o que a Maria comprou. (**Pseudoclivada invertida com foco pós-cópula**)
 e. Um livro foi o que a Maria comprou. (**Pseudoclivada invertida com foco pré-cópula**)
 f. Foi um livro que a Maria comprou. (**Clivada canônica**)
 g. Um livro foi que a Maria comprou. (**Clivada invertida**)
 h. Um livro que a Maria comprou. (**Foco+que**)
 i. Foi um livro. (**Cópula+foco**)

O grupo de estratégias para focalizar o sujeito inclui basicamente aquelas empregadas na focalização do objeto, além da ordem VS:

- (16) a. A Maria trouxe um livro.
 b. Foi a Maria que trouxe um livro.
 c. A Maria foi que trouxe um livro.
 d. A Maria que trouxe um livro.
 e. Quem trouxe um livro foi a Maria.
 f. A Maria foi quem trouxe um livro.
 g. Foi a Maria quem trouxe um livro.
 h. Foi a Maria.
 i. Trouxe um livro a Maria. **VS**

6. Rizzi e Shlonsky (2007) propõem que estratégias de extração do sujeito empregada por outras línguas podem ser reduzidas a variantes da *skipping strategy* adotada pelo italiano.

O quadro 1 sintetiza as estratégias de focalização do PB e explicita as suas respectivas interpretações focais (NI está para foco de nova informação; C para foco contrastivo).

Focalização do sujeito		Focalização do objeto	
Estratégia	Interpretação focal	Estratégia	Interpretação focal
SV	NI, C	SVO	NI, C
VS	NI*, C	OSV	C
Foco+que	NI, C	Foco+que	C
Clivada canônica	NI, C	Clivada canônica	C
Clivada invertida	C	Clivada invertida	C
PC canônica	NI, C	P.C. canônica	NI, C
P.C. invertida (foco pós-cópula)	NI, C	P.C. invertida (foco pós-cópula)	NI, C
P.C. invertida (foco pré-cópula)	C	P.C. invertida (foco pré-cópula)	C
Cópula+foco	NI, C	Cópula+foco	NI, C

Quadro 1. Tipos de foco veiculados pelas estratégias de focalização em PB

*com restrições

Deste quadro emergem pelo menos dois fatos principais. O primeiro é que a ordem VS na focalização de nova informação é restrita: envolve verbos inacusativos e, em menor frequência, verbos intransitivos (cf. MIOTO, 2003; QUAREZEMIN, 2005, 2009; GUESSER, 2007). Por outro lado, frases VS com um sujeito contrastivo não apresentam tais restrições, podendo ocorrer com verbos transitivos, como ilustrado em (16i) (cf. QUAREZEMIN, 2005). O segundo é que, em PB, a periferia esquerda não é uma posição adequada para a focalização de nova informação. Um constituinte, para que seja interpretado como informação nova, não pode se mover para a periferia esquerda, como em (17b), mas deve permanecer em posição interna a IP (cf. (17c)). O movimento de um elemento com um traço [+foco] para a periferia esquerda implica necessariamente uma leitura contrastiva⁷.

- (17) A: O que a Maria comprou?
 b. # UM LIVRO a Maria comprou.
 c. A Maria comprou um livro.

Com base em fatos como esse, Mioto (2001, 2003) e Quarezemin (2005) propõem que o PB, assim como o italiano, faz uso seja da periferia esquerda, seja da periferia de vP, com a primeira dedicada à focalização contrastiva e a segunda à focalização de nova informação. Assim, sentenças SVO com objeto de informação nova são analisadas como em (18a), com o objeto no Spec de FocP da periferia de VP.

7. Ver seção 5.1 para uma aparente exceção a esta generalização.

- (18) a. [_{CP} ... [_{IP} a Maria comprou ... [_{Top} [_{FocP} um livro_i ... [_{VP} t_i ...]]]]]
 b. [_{ForceP} [_{FocP} Um livro_i ... [_{IP} a Maria comprou t_i
 c. [_{ForceP} [_{TopP} [_{IP} O João comprou t_i]_k [_{FocP} um carro_i [_{IP} t_k]]]].

(MIOTO, 2003, p.185-187)

A ordem OSV com objeto contrastivo apresenta a derivação em (18b), com o objeto em Spec de FocP da periferia esquerda da sentença. Por fim, frases SVO com objeto contrastivo são representadas como em (18c), com o objeto no Spec de FocP da periferia esquerda e um sucessivo movimento remanescente de IP (nas linhas de Kayne (1994)) para TopP.

No que se refere à focalização do sujeito, quando a sentença envolve interpretação contrastiva, ela tem a estrutura em (19a), se apresenta a ordem SV. Se a focalização contrastiva ocorre com a estratégia VS, ela tem a estrutura em (19b), com movimento remanescente de IP.

- (19) a. [_{ForceP} [_{FocP} A Maria_i ... [_{IP} t_i comprou o livro [_{VP}...
 b. [_{ForceP} [_{TopP} [_{IP} comprou um livro]]] [_{FocP} a Maria_i t_i IP

(QUAREZEMIN, 2005)

A ordem SV com o sujeito de pura nova informação é analisada como uma estratégia de focalização *in situ*, nas linhas de Belletti (2009). Segundo essa análise, o sujeito ocupa a posição sujeito da frase e passa por um processo de focalização interno a DP (cf. (20b)). Desse modo, a entonação e a interpretação que caracterizam o sujeito de informação nova seria uma consequência da ativação de uma projeção de foco interna a DP (cf. QUAREZEMIN, 2009, 2011).

- (20) a. Quem comprou o livro?
 b. [_{CP} [_{IP} A Maria_i comprou [_{VP}... o livro]]]

Como mencionado precedentemente, em PB a focalização do sujeito como pura nova informação através da ordem VS é praticamente restrita a verbos inacusativos⁸. Nesse trabalho, assumiremos a análise originariamente proposta em Quarezemin (2005): a ordem VS inacusativa com um sujeito de nova informação faz uso do *pro* expletivo inerente às estruturas inacusativas para licenciar o sujeito no Spec de FocP da periferia de VP. A consequência dessa análise é dupla: de um lado, ela explica a possibilidade de ter sujeitos de nova informação com verbos inacusativos. De outro, ela captura a impossibilidade de focalizar sujeitos como nova informação em estruturas VS com verbos transitivos (ver Guesser (2011) para uma discussão mais detalhada).

8. Os dados de Guesser (2007) evidenciam (poucos) casos de estruturas VS com verbos intransitivos na focalização do sujeito como nova informação. Uma possível análise seria assumir que tais ocorrências de VS são resultantes de uma topicalização de VP, assim como proposto para as estruturas VS com verbos transitivos encontradas nos dados experimentais deste estudo.

4. ESTRUTURAS CLIVADAS CANÔNICAS E INVERTIDAS EM PB

Segundo a definição tradicionalmente assumida, clivadas canônicas como (21a) são estruturas complexas compostas pela sequência cópula + [XP] + [CP] expressa em (21a'), onde [CP] veicula uma informação pressuposta e o [XP] pós-cópula corresponde a um elemento focalizado (cf. CLECH-DARBON et al, 1999; LAMBRECHT, 2001; RIALLAND et al, 2002); (cf. RESENES, 2009). A fórmula das clivadas invertidas se diferencia da fórmula das canônicas por ter o [XP] em posição pré-copular (cf. (21b')).

- (21) a. Foi um livro que a Maria comprou.
a'. **cópula** + [XP] + [CP]
b. Um livro foi que a Maria comprou.
b'. [XP] + **cópula** + [CP]

Entre as particularidades sintáticas e pragmático-discursivas das clivadas canônicas e invertidas do PB, podemos elencar três de maior interesse, duas de caráter pragmático-discursivo e uma de caráter sintático. Iniciemos com os aspectos interpretativos/pragmático-discursivos.

Como se observa no quadro 1 da seção 3, as sentenças clivadas canônicas se caracterizam por poder veicular seja um foco contrastivo, seja não-contrastivo/de nova informação. Portanto, clivadas-sujeito e objeto como (22) e (23) são estruturas pragmaticamente adequadas em contextos contrastivos como aqueles em (24) e (25):

- (22) Foi um rapaz que comeu a torta.
(23) Foi uma torta que o Pedro trouxe.
(24) A: Uma garota comeu a torta.
b. Não, foi um rapaz que comeu a torta.
(25) A: O Pedro trouxe uns doces pra festa.
b: Não, foi uma torta que o Pedro trouxe.

Todavia, quando se trata de focalização de nova informação, as clivadas canônicas apresentam uma assimetria sujeito-objeto: enquanto uma canônica-sujeito, como (22), pode servir como resposta a uma pergunta sobre o sujeito, como (26), uma clivada-objeto, como (23), não é pragmaticamente adequada para uma pergunta sobre o objeto, como (27) (cf. GUESSER, 2007).

- (26) Quem comeu a torta?
(27) O que o Pedro trouxe pra festa?

A notar que tal assimetria se verifica também no francês. As clivadas-sujeito dessa língua podem exprimir seja um foco de nova informação (28b), seja um contrastivo (29b), como mostram os dados em (28) e (29). Por outro lado, os dados em (30) e (31) mostram que as clivadas-objeto, enquanto realizam uma focalização contrastiva (30b), não são sentenças adequadas em contextos de focalização de nova informação (31b).

- (28) a. Qui (est-ce que qui ?) a parlé?

- (29) a. On m'a dit que Marie a parlé
 b. C'est Jean (qui a parlé)
 c. Non, c'est JEAN qui a parlé
- (30) a. On m'a dit que hier t'as acheté un journal
 b. Non, c'est UN LIVRE que j'ai acheté
- (31) Q: Qu'est-ce-que t'as acheté (/Qu'as-tu acheté)?
 A: # C'est un livre (que j'ai acheté)

(BELLETTI, 2010)

Portanto, a primeira questão interessante que os dados de (22) a (25) colocam é como explicar a assimetria sujeito-objeto que se verifica nas clivadas canônicas de nova informação do PB. A segunda questão é como dar conta da diferença que se observa entre clivadas canônicas e invertidas quanto às possíveis interpretações focais: enquanto clivadas canônicas podem veicular um foco de nova informação (no caso do sujeito) e contrastivo, clivadas invertidas como (32) realizam apenas uma focalização contrastiva, e não são pragmaticamente adequadas para contextos de pergunta-resposta, nem mesmo quando [XP] focalizado se refere a um sujeito (cf. (33b) e (34b)). (cf. MIOTO, 2003; RESENES, 2009)

- (32) a. Um rapaz foi que falou (não uma menina).
 b. Um livro foi que a Maria comprou (não uma revista.)
- (33) A: Quem comeu o bolo?
 b. # O João é que comeu o bolo.
- (34) A: O que o João comeu?
 b. #O bolo é que o João comeu.

O terceiro aspecto de interesse das clivadas do PB são os padrões de concordância entre a cópula na frase matriz e o [XP] focalizado. As clivadas canônicas apresentam uma dupla possibilidade de concordância: a cópula pode concordar ou não com o [XP] focalizado em posição pós-cópula, como mostram os dados em (35) e (36). Os exemplos *b* de (35) e (36) mostram que a concordância pode se manifestar seja com um [XP] com a função de sujeito, seja quando o [XP] é um objeto. Por outro lado, as clivadas invertidas não permitem a concordância entre a cópula e o [XP] focalizado, como mostra o contraste entre os exemplos *a* e *b* de (37) e (38).

- (35) a. Foi os meninos que chegaram.
 b. Foram os meninos que chegaram.
- (36) a. Foi os meninos que a Maria viu.
 b. Foram os meninos que a Maria viu.
- (37) a. Os meninos foi que a Maria viu.
 b. *Os meninos foram que a Maria viu.

- (38) a. Os meninos foi que chegaram.
b. *Os meninos foram que chegaram.

Os dados de (35) a (38) levantam pelo menos duas questões: 1) qual fenômeno sintático é responsável pela dupla possibilidade de concordância nas clivadas canônicas? 2) Por que este fenômeno não pode ocorrer em frases clivadas invertidas?

5. UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

Nesta seção proporemos uma análise para as clivadas canônicas e invertidas do PB nas linhas dos estudos sobre o processo de focalização através das estruturas não-clivadas, discutidas na seção 3. Assim, exploraremos a ideia de que os processos de focalização através das frases clivadas do PB colocam em jogo diferentes projeções de Foco de acordo com o tipo de interpretação focal.

A análise que assumiremos une propostas de dois trabalhos precedentes: o de Belletti (2010), que trata de aspectos sintáticos das estruturas clivadas, e o de Roisenberg e Menuzzi (2008), que se concentra em aspectos semânticos e pragmático-discursivos. Roisenberg e Menuzzi (2008), diferentemente do que é proposto por Kiss (1998), mostram que é problemática a afirmação de que as clivadas são intrinsecamente dotadas de traço de exaustividade. Os autores estudam em PB as contrapartes das clivadas-*it* do inglês e concluem que, ainda que os testes de exaustividades e de restrições distribucionais apresentados em Kiss (1998) sejam consideráveis, é possível encontrar manifestações de clivadas sem o traço de exaustividade.

Considere os exemplos em (39) e (40)⁹:

(39) Ontem foi TODO MUNDO que veio. (não só a metade do grupo)

- (40) a. Quem foi que roubou os doces que estavam aqui?
B: Eu não fui.
C: Nem eu.
A': Bom, foi alguém (que roubou), porque eles não iam sair andando.

Kiss (1998) afirma que as clivadas-*it* do inglês são degradadas quando o elemento focalizado é um quantificador universal ou existencial. Isto ocorre devido à impossibilidade de o quantificador universal ou existencial exprimirem uma identificação por exclusão. Todavia, como mostram os exemplos em (39) e (40), uma clivada do PB correspondente a uma clivada-*it* do inglês pode realizar a focalização seja de um quantificador universal quanto de um quantificador existencial. Se as sentenças clivadas-*it* do inglês e suas correspondentes em outras línguas fossem intrinsecamente exaustivas, não se esperaria a gramaticalidade de sentenças como aquelas em (39) e (40A').

Outro dado particularmente importante da não exaustividade de sentenças como as clivadas-*it* do inglês é o exemplo (41), que Roisenberg e Menuzzi (2008) adaptaram de Horn (1981). É um contexto no qual a falta de exaustividade da clivada torna o discurso incoerente. Se uma sentença correspondente a uma clivada-*it* do inglês veiculasse diretamente na sua semântica o traço de exaustividade, (41a) seria um enunciado perfeitamente coerente. Contudo, apenas com o uso do advérbio *só/somente* (os quais são intrinsecamente exaustivos) é que o enunciado torna-se aceitável, como mostra (41b).

9. Estes exemplos, bem como o exemplo (41), foram extraídos de Roisenberg e Menuzzi (2008). O exemplo (39) foi adaptado.

- (41) a. ?? Eu já sabia que a Maria havia comido uma pizza, mas eu só fui descobrir agora que foi uma PIZZA que ela comeu.
 b. Eu já sabia que a Maria havia comido uma pizza, mas eu só fui descobrir agora que foi **só** uma pizza que ela comeu.

Os exemplos de Roisenberg e Menuzzi (2008) mostram que as construções clivadas que são consideradas intrinsecamente exaustivas por natureza podem, em certos contextos, ter o efeito da exaustividade anulado. Assim, os autores concluem que a exaustividade, ainda que geralmente seja verificada no uso das clivadas, não faz parte do significado convencional dessas estruturas. Em outras palavras, a exaustividade se trata de uma propriedade que deve ser vinculada a traços adicionais do contexto discursivo¹⁰.

O trabalho de Belletti (2010) se compõe de quatro hipóteses principais:

A) sentenças clivadas são estruturas complexas em que a cópula seleciona um CP do tipo focal, um FocP (nas linhas de Ruwet (1975), Kayne (1994), Kiss (1998), Modesto (2001), Miotto (2003), entre outros).

B) Nos termos da estrutura do sistema complementizador de Rizzi (1997, 2001), o CP selecionado pela cópula tem como projeção mais alta não ForceP, mas sim FocP¹¹.

(42) T cópula [~~CP~~Force_{FocP} [FinP_{que} [TP S ...O/(PP)]]]]

C) o complementizador *que* se origina em Fin^o e se move para o núcleo mais acima no sistema CP (Cfr. Ribeiro (2009) para uma proposta em certos aspectos semelhante):

- (43) a. E' MARIA che il libro l'ha comprato (non Gianni)
 b. E' [_{FocusP} MARIA *che* [_{TopP} il libro [_{FinP} t_{che} [_{IP}...

D) nas clivadas canônicas em que o elemento focalizado é o sujeito, o CP complemento da cópula contém um traço EPP, o qual exprime uma relação de predicação entre o sujeito em CP e o resto da frase que o segue¹²:

10. A assunção das ideias de Roisenberg e Menuzzi (2008), indiretamente relevante para os fenômenos de clivagem deste estudo, tem relevância direta para a análise das sentenças com a sequência foco+que, como (ib). Se uma clivada não tem a exaustividade como parte do seu significado convencional, então se tem uma razão adicional para defender que estruturas como (ib), com um foco de pura nova informação (não exaustivo), sejam derivadas de uma sentença clivada, envolvendo processos de redução (vide Guessier (2011) para uma argumentação a favor dessa ideia e, para uma posição contra, ver Miotto (2001) e Miotto e Figueiredo Silva (1995)).

(i) a. Quem comeu a torta?

b. A Maria que comeu a torta.

11. Um argumento crucial em favor dessa ideia se observa através dos dados de (i) a (iv), discutidos em Belletti (2010). Como mostram (i) e (ii), uma frase simples declarativa pode manifestar na sua periferia esquerda seja a ordem Foco-tópico (i), seja a ordem Tópico –foco (ii). Por outro lado, em uma clivada somente é possível a ordem Foco- tópico, como mostra o contraste entre (iii) e (iv).

(i) MARIA il libro l'ha comprato (non Gianni)

(ii) Il libro, MARIA l'ha comprato (non Gianni)

(iii) È Maria che il libro l'ha comprato (non Gianni)

(iv) *È Il libro, MARIA che l'ha comprato (non Gianni)

A impossibilidade de (iv), portanto, indica que as posições que no sistema CP de Rizzi (1997, 2001) se encontram acima de FocP não estão presentes no CP complemento da cópula das clivadas

12. Na análise de Belletti (2010), a posição EPP assumida dentro do CP não é uma posição criterial nos termos de Rizzi (2006).

(44) T *be* [~~CP Force~~_{FocP} EPP... .. [_{FinP} *che* [TP S ... O/(PP)]]]]

Com base nas hipóteses elencadas acima, uma clivada canônica-sujeito do PB como (22), repetida em (45a), em contexto de nova informação, é representada como em (45b): o sujeito se move da sua posição de *merge* externo dentro do IP encaixado, passa pela posição EPP complemento da cópula e, sucessivamente, se move para o Spec de FocP da periferia de VP disponibilizada pela cópula. A cópula se move para o núcleo flexional que a hospeda, e um *pro* expletivo ocupa a posição Sujeito da frase matriz. Por outro lado, uma clivada-sujeito contrastiva apresenta a derivação em (46), que se diferencia de (45b) pelo fato de o sujeito se mover para a posição de Foco na periferia esquerda da frase complemento da cópula.

(45) a. Foi um rapaz que comeu a torta.

b. $pro_{expl} \dots [_{TP} foi_j \dots [_{FocP} um\ rapaz_i [_{VP} t_j [_{CP\ Force} \dots [EPP\ t_i \dots [_{FinP} que [_{TP} comeu\ t_i\ a\ torta]]]]]]]$

(46) $pro_{expl} \dots [_{TP} foi_j [_{VP} \dots t_j [_{FocP} um\ rapaz_{Foc} [EPP\ t_i \dots \dots [_{FinP} que [_{TP} comeu\ t_i\ a\ torta]]]]]]]$

Com base em Menuzzi (2000), Rizzi (2006) e Rizzi e Shlonsky (2007), assumimos que a extração do sujeito para a focalização se dá a partir de uma posição mais baixa do que SubjP. Um *pro* expletivo ocupa a posição Sujeito da frase subordinada, satisfazendo assim o *Subject Criterion*. Por fim, clivadas-objeto (contrastivas) como (23), repetida em (47a), têm a estrutura em (47b), que se diferencia de (46) pela ausência da posição EPP dentro do CP complemento da cópula.

(47) a. Foi uma torta que o Pedro trouxe.

b. $pro_{expl} [_{TP} \dots foi_j [_{VP} t_j [_{CP\ Force} \dots [_{FocP} uma\ torta_i \dots [_{FinP} que [_{TP} o\ Pedro\ trouxe\ t_i]]]]]]$

A abordagem sintática aqui assumida oferece uma explicação para a assimetria interpretativa que se verifica entre clivadas canônicas-sujeito e objeto na focalização de nova informação do PB. Uma clivada canônica com objeto de nova informação seria representada como em (48):



(48) $[_{TP} \dots \dots [_{FocP} [_{VP} be [_{CP} \dots [_{FocP} \dots [_{FinP} che [_{TP} S \dots O]]]]]]]$

Em (48), o CP complemento da cópula é reduzido no nível de FocP. Como consequência, o CP complemento não pode oferecer nenhuma posição de *edge* diferente de FocP, que é uma posição criterial, nos termos de Rizzi (2006). Uma vez que o movimento a partir do Spec de FocP é proibido pelo princípio do *Criterial Freezing* (RIZZI, 2006), a consequência é que (48) resta sem uma posição que possa servir de passagem intermédia no movimento do objeto da sua posição de origem no IP encaixado para o Spec de FocP da periferia de VP. Não podendo alcançar a projeção de FocP da periferia de VP, o objeto não é capaz de receber a interpretação de nova informação¹³.

13. Ainda que uma clivada-objeto tivesse um CP encaixado com uma posição EPP, como no caso das clivadas-sujeito, o objeto também não poderia passar por um processo de focalização de nova informação. Considere (i). A impossibilidade de uma estrutura como (i) para a focalização de nova informação se deve à Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990, 2004): assumindo que a posição EPP, assim como a posição de sujeito e de objeto, são do tipo A, uma derivação como (i) é impossível porque o movimento intermédio do objeto para a posição EPP cruzaria o sujeito interveniente, causando uma violação de minimalidade.

Clivadas invertidas como (49) são analisadas como em (50), nas linhas de Belletti (2010): o sintagma *os meninos* se move para o Spec de FocP do CP subordinado (50a) e o FinP subordinado passa por um processo de extraposição (50b) (cf. RIZZI, 2009). Sucessivamente, todo o FocP, que contém o sintagma focalizado *os meninos*, se move para a posição de Foco da periferia esquerda da frase matriz (50c).

(49) Os meninos foi que a Maria encontrou (não as meninas).

(50) a. Movimento do sintagma [+foco] para o Spec de FocP encaixado

$[_{CP} [_{FocP} [_{TP} foi_j \dots [_{VP} t_j [_{FocP} os\ meninos \dots [_{FinP} que [_{TP} a\ Maria\ encontrou -]]]]]]$

b. Extraposição do FinP subordinado:

$[_{CP} [_{FocP} [_{TP} \dots foi_j [_{VP} t_j [FocP\ os\ meninos \dots <FinP>]] [_{FinP} que [_{TP} a\ Maria\ encontrou -]]]]$

c. Movimento da projeção de FocP encaixada para a periferia esquerda da frase matriz:

$[_{CP} [_{FocP} [_{FocP} os\ meninos \dots <FinP>]] [_{TP} foi_j \dots [_{VP} t_j [<FocP>]] [_{FinP} que [_{TP} a\ Maria\ encontrou]]]]$

Com a proposta em (50), é possível dar conta do fato de que, diferentemente das clivadas canônicas, as invertidas veiculam apenas um foco contrastivo: clivadas invertidas são restritas à focalização contrastiva pois envolvem a projeção de FocP da periferia esquerda, posição que em PB é dedicada à focalização contrastiva.

É relevante discutir alguns dados do PB à luz das análises propostas acima. Considere-se o conjunto de frases em (51) – (53). Os dados em (51) mostram que, em frases encaixadas em que o CP subordinado é do tipo declarativo, é possível haver um constituinte focalizado (contrastivamente) *in situ* (51a), na periferia esquerda da frase encaixada (51b), e na periferia esquerda da frase matriz (51c). Por outro lado, os dados em (52) mostram que, no caso de uma frase interrogativa encaixada, é possível haver o elemento-wh no Spec do CP encaixado (52a), mas não na periferia esquerda da frase matriz (52c), nem *in situ* (52b), ainda que esta última opção esteja disponível nas frases matrizes do PB (cf. (53b)).

(51) a. O Pedro disse que a Maria leu [_Feste livro] (não a revista).

b. O Pedro disse que [_Feste livro] a Maria leu (não a revista).

c. [_FEste livro] o Pedro disse que a Maria leu (não a revista).

(QUAREZEMIN, 2005)

(52) a. O João perguntou o que a Maria viu.

b. *O João perguntou a Maria viu o quê.

c. *O que João perguntou a Maria viu?

(53) a. Quando a Maria chegou?

b. A Maria chegou quando?

O contraste entre (51) e (52) é explicado com o fato de que em (52) o verbo *perguntar* seleciona um CP [+wh] e, conseqüentemente, tal CP deve ter no seu Spec um sintagma [+wh] para a satisfação do Wh-Criterion (RIZZI, 1996). Portanto, frases como (52b-c) são agramaticais porque o núcleo do CP encaixado [+wh] não se apresenta em relação Spec-núcleo com um sintagma-wh (cf. MIOTO, 2001). Em (52c), ainda que o sintagma-wh tivesse passado pelo Spec do CP encaixado para satisfazer o Wh-Criterion, o seu sucessivo movimento para o CP da frase matriz seria excluído pelo *Criterial Freezing*. Considere as estruturas clivadas em (54):

- (54) a. Foi [um livro] que a Maria leu (não uma revista).
 b. *Foi que a Maria leu [um livro] (não uma revista).

O CP encaixado das clivadas (com foco estreito) se assemelha ao das perguntas-wh encaixadas em (52) por não permitir que o sintagma focal permaneça *in situ*, como mostra o contraste entre (54a) e (54b) (cf. MODESTO, 2001; MIOTO, 2003). Esse fato, portanto, sustenta a assunção de que o CP das clivadas é dotado de um traço [+foco] por seleção. Todavia, diferentemente do que se verifica nas perguntas-wh encaixadas como (52c), nas clivadas é possível haver um sintagma na periferia esquerda da frase matriz, formando uma clivada invertida:

- (55) [Um livro] foi que a Maria leu (não uma revista).

Se o contraste em (54) sugere que o CP encaixado das clivadas é do tipo [+foco], então a possibilidade de uma clivada como (55) indica que o traço [+foco] do CP encaixado é checado. Este quadro, em primeiro lugar, leva-nos a excluir a possibilidade de analisar as clivadas invertidas do PB como proposto em estudos precedentes, como o de Modesto (2001) e os de Miotto (2003), Quarezemin (2009, 2011) e Resenes (2009). Em Modesto (2001), as clivadas invertidas como (56a) apresentam a derivação em (56a'): o sintagma com o traço [+foco] *o Zé* se move da posição de sujeito da oração encaixada para o especificador do CP encaixado à cópula e, sucessivamente, para uma posição à esquerda da frase matriz, Spec de FP. Miotto (2003), Quarezemin (2009, 2011) e Resenes (2009), por outro lado, assumindo o CP articulado de Rizzi (1997), analisam as clivadas invertidas como em (56b'), em que se observa uma passagem intermédia do sintagma *a Maria* pela posição mais alta do CP subordinado, ForceP, e um sucessivo movimento para o Spec de FocP da frase matriz.

- (56) a. O Zé é que gosta da Maria.
 a'. [_{FP} O Zé [_{TP} é [_{CP} t' que [t gosta da Maria]]]]
 b. A Maria é que caiu (não a Paula).
 b'. [_{FocP} A Maria_i [_{TP} pro [_{TP} é_j [_{VP} t_j [_{ForceP} t_i Force° que ... [_{TP} caiu t_i ...]]]]]]]]

Uma análise nos termos de (56a') seria excluída pelo princípio do *Criterial Freezing*. Por outro lado, uma derivação como (56b') seria excluída pelo fato de que não envolve uma passagem do sintagma [+foco] no Spec de FocP complemento da cópula, passo derivacional necessário para a checagem do traço [+foco] do FocP encaixado.

Além da exclusão de análises nos termos de (56a') e (56b'), os dados em (55) e (56) sugerem que o processo de clivagem nas invertidas deve, primeiramente, levar sintagma [+foco] ao FocP encaixado e, em seguida, levá-lo para periferia esquerda da frase matriz através de algum passo derivacional

que não viole o *Criterion Freezing*. A análise que assumimos em (50) satisfaz esse requisito, pois o movimento que leva o sintagma [+foco] para a periferia esquerda matriz envolve não apenas o sintagma [+foco], mas toda a projeção de FocP.

5.1. Clivadas com o traço [+tópico]

Voltemos à assimetria sujeito-objeto que se verifica na focalização não-contrastiva/de nova informação das clivadas canônicas. Tal assimetria parece ser típica de contextos com perguntas de pura nova informação como (26) e (27). Resenes (2009) observa que em PB há situações discursivas não-contrastivas em que é adequado o uso seja de uma clivada canônica-sujeito, seja objeto. Para ilustrar essa ideia, a autora aponta um contexto em que dois amigos estão em uma biblioteca procurando um livro específico que um deles tinha lido e recomendado ao outro. A uma certa altura, a pessoa que conhece o livro aponta para o livro na estante e diz:

(57) Foi este livro que eu li.

Um outro contexto semelhante ao exemplificado acima, em que também é permitido o uso de uma clivada canônica objeto, é o contexto de pergunta-resposta em (58) que, dada a situação discursiva apropriada, solicita a identificação de um elemento.

(58) a. Qual desses caras a Maria beijou na festa de ontem?
b. Foi aquele cara que a Maria beijou.

Como se observa no contexto em que as clivadas em (57) e (58b) são empregadas, uma propriedade que elas compartilham é que o elemento focalizado tem sempre uma interpretação marcada por um traço de tópico, ou seja, o elemento clivado é uma nova informação não contrastiva e, ao mesmo tempo, um elemento presente no contexto discursivo imediato.

Com base nesta propriedade, assumiremos que clivadas canônicas em contextos como (57) e (58) envolvem uma posição de Foco que é dotada seja do traço [+foco], seja de um traço [+tópico], a qual é localizada na periferia de esquerda da frase subordinada. Assim, frases como (57) e (58b) apresentam a derivação em (59a-b): o objeto (assim como o sintagma com a função de sujeito) se move da sua posição temática dentro do IP encaixado para o Spec de Foc_[+foco; +tópico] do CP subordinado, e a cópula *ser* se move para um núcleo funcional mais alto que a projeção verbal.

(59) a. *pro*_{expl} [_{TP} ... foi [_{FocP} [_{FocP} [+foco; +tópico] aquele livro _{Foc°}... [_{FinP} que [_{TP} eu li t₁]]]]]
b. T foi [_{FocP} [_{FocP} [+foco; +tópico] aquele cara _{Foc°}... [_{FinP} que [_{TP} que a Maria beijou t₁]]]]]

É interessante observar que o PB de fato parece poder focalizar um elemento como nova informação na periferia esquerda da frase, quando este se refere a um elemento presente no discurso. Isso pode ser ilustrado através do diálogo em (60), com a estrutura com foco (60A₂), onde a focalização se refere a um objeto presente no contexto discursivo.

(60) A: Que lindo esse teu celular!
B: Obrigada.
A₁: Ah, ontem eu fui ao shopping. E acabei encontrando o Pedro lá...
B₁: Ah é, que legal! E o que você comprou de interessante?
A₂: Esse celular, eu comprei lá no shopping...

A possibilidade de respostas como (60A₂), porém, parece ser ligada a contextos como aqueles descritos acima. Por outro lado, em um contexto de informação/não contrastivo em que o foco não se refere a um elemento presente/latente na situação discursiva, uma frase com um sintagma focalizado na periferia esquerda não é pragmaticamente adequada, como discutido na seção 3. Em suma, voltando ao caso das clivadas, o interesse de dados como (60A₂) é que eles sugerem a possibilidade de haver uma posição de Foco na periferia esquerda da frase dotada dos traços [+foco; +tópico], a qual atribui a um elemento a interpretação de foco não-contrastivo/de nova informação e a interpretação de tópico¹⁴.

5.2. Padrões de concordância entre a cópula e o [XP] focalizado

Em (61) e (62) são repetidas as análises que propusemos para as clivadas canônicas e invertidas, respectivamente (aqui ilustraremos a análise com clivadas contrastivas):

(61) $pro_{\text{expl}} [_{\text{TP}} \dots ser_j [_{\text{VP}} t_j [_{\text{FocP}} \text{Foree}_{\text{FocP}} \text{ a torta}_i \text{ Foc} \dots [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ que o Pedro trouxe } t_i]]]]]]$

(62) a. Movimento do sintagma [+foco] para o Spec de FocP encaixado

$[_{\text{CP}} [_{\text{FocP}} [_{\text{TP}} \text{ foi}_j \dots [_{\text{VP}} t_j [_{\text{FocP}} \text{ os meninos} \dots [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ a Maria encontrou - }]]]]]]]$

b. Extraposição do FinP subordinado:

$[_{\text{CP}} [_{\text{FocP}} [_{\text{TP}} \dots \text{ foi}_j [_{\text{VP}} t_j [_{\text{FocP}} \text{ os meninos} \dots \langle \text{FinP} \rangle]]]]] [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ a Maria encontrou - }]]$

c. Movimento da projeção de FocP encaixada para a periferia esquerda da frase matriz:

$[_{\text{CP}} [_{\text{FocP}} [_{\text{FocP}} \text{ os meninos} \dots \langle \text{FinP} \rangle]] [_{\text{TP}} \text{ foi}_j \dots [_{\text{VP}} t_j [\langle \text{FocP} \rangle]]] [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ a Maria encontrou - }]]$

A diferença crucial entre as duas derivações é o fenômeno da extraposição. Assumamos que no CP encaixado das clivadas possa ser projetado um núcleo de concordância AGR, como ilustrado em (63):

(63) $T \dots ser [_{\text{FocP}} \text{Foree}_{\text{FocP}} \text{ a torta}_i \text{ Foc} \dots [_{\text{AGR}} [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ que o Pedro trouxe } t_i]]]]]]$

Para dar conta do duplo padrão de concordância entre a cópula e o XP das clivadas canônicas, assumiremos que, quando AGR é projetado, o XP [+foco] transita no seu Spec antes de ir a FocP e, como consequência, manifesta uma relação de concordância com AGR (cf. (64a)). Sucessivamente, a cópula na frase matriz checa seus traços através de uma relação de concordância com AGR. Dado que em AGR estão presentes traços do [XP] focalizado, a cópula concordará com os traços do [XP]. Isso é esquematizado em (61b).

(64) a. $T \dots ser [_{\text{CP}} \text{Foree}_{\text{FocP}} \text{ os meninos}_i \text{ Foc} \dots [_{\text{AGR}} t_i [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ chegaram } t_i]]]]]]$
Agree

b. $T \dots foram [_{\text{CP}} \text{Foree}_{\text{FocP}} \text{ os meninos}_i \text{ Foc} \dots [_{\text{AGR}} t_i [_{\text{FinP}} \text{ que } [_{\text{TP}} \text{ chegaram } t_i]]]]]]]$

14. Uma expectativa dessa análise é que, nas clivadas, também uma projeção de foco [+foco; +tópico] na periferia esquerda da frase matriz possa ser utilizada, de modo que clivadas invertidas possam ser produzidas em contextos como (57) e (58). Acreditamos que essa expectativa seja atendida (o que parece ser muito claro em contextos como (57)). Se esta intuição está correta, as clivadas invertidas [+foco; +tópico] teriam uma estrutura que se diferenciaria daquela proposta em (59) pelo fato de envolver o processo de extraposição de FinP, nas linhas de (50).

Se, por outro lado, AGR não é projetado, o [XP] das clivadas não transita em seu Spec. Além disso, a cópula na frase matriz não poderá checar seus traços no modo especificado em (64b), e deverá fazê-lo com o elemento expletivo em posição pré-verbal. Dessa forma, tem-se o segundo padrão de concordância das clivadas canônicas, ou seja, aquele sem concordância entre a cópula e o [XP] pós-cópula, como ilustrado em (65):

(65) TP pro_{expl} foi [CP Force_{FocP} os meninos_i Foc ... [AGR t_i [FinP que [TP chegaram t_i]]]]

Esta análise lida com duas formas de checagem de traços da cópula das clivadas do PB: AGREE e Spec-head. Todavia, observe que essa possibilidade dupla não é opcional na medida em que cada opção de concordância é resultado de uma derivação diferente. As clivadas que apresentam concordância entre a cópula e o XP focalizado envolvem uma derivação que projeta AGR. Por outro lado, as clivadas que não manifestam concordância entre a cópula e XP o focalizado resultam de uma derivação em que a posição AGR não está presente.¹⁵

Para capturar a impossibilidade de concordância da cópula com o [XP] focalizado em posição pré-copular nas clivadas invertidas, hipotetizaremos que isso é ligado ao processo de extraposição. Assumiremos que o fato de que as clivadas invertidas extrapõem o FinP pós-cópula, para posteriormente mover a projeção FocP encaixada para a frase matriz, tem o efeito de destruir a relação de concordância que eventualmente poderia se realizar entre a cópula na frase matriz e o núcleo AGR, tal como ilustrada em (64b).

Uma predição interessante dessa análise se refere às estruturas clivadas interrogativas invertidas. Mais especificamente, a análise que estamos propondo prevê que também nessas frases não seja possível a concordância entre a cópula e o sintagma-wh em posição pré-copular. De fato, isso não se verifica, como mostra o contraste entre (66a) e (66b):

- (66) a. Quais rapazes é que a Maria viu?
 b. *Quais rapazes são que a Maria viu?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros trabalhos sobre clivadas em teoria gerativa, as análises sintáticas têm se inserido em duas linhas principais. A primeira tem como característica principal a ideia de que o sintagma focalizado é estruturalmente independente do CP que contém a pressuposição (cf. AKMAJIAN, 1970; CHOMSKY, 1970; BOLINGER, 1972, 1977; GUNDELL, 1977; COSTA & DUARTE, 2006; LOPES ROSSI, 1993). A segunda linha, em vez, propõe que o foco é gerado dentro do CP encaixado (cf. GROSS, 1968; RUWET, 1975; CHOMSKY, 1977; KISS, 1998). A partir das discussões sobre qual análise é mais plausível, três questões têm frequentemente sido levantadas:

- A) qual a posição de origem do constituinte clivado?
 B) clivadas e pseudoclivadas são formadas a partir de uma única estrutura?
 C) o CP encaixado das clivadas é do tipo relativo ou não?

15. Vale ressaltar que a hipótese da presença versus ausência da posição AGR está sendo lançada como a primeira hipótese (de que temos conhecimento) na literatura para explicar os fenômenos de concordância das clivadas do PB. Ainda é preciso é investigar a existência de adicionais dados do PB, ou mesmo de outras línguas, que possam confirmar essa dupla possibilidade derivacional. Esse passo faremos em pesquisa futura.

As pesquisas sobre as estruturas clivadas do PB têm discutido relevantes dados acerca das questões de A a C, contribuindo, assim, para o esclarecimento da natureza das clivadas em geral. Por exemplo, Modesto (2001), discutindo dados relativos às condições de ligação de anáforas, fenômenos de cruzamento e de ilhas, responde à questão A mostrando que o constituinte focalizado deve ser gerado dentro do CP encaixado e sucessivamente movido para uma posição à esquerda da frase. No que se refere à questão B, Modesto (2001), Mioto (2003) e Resenes (2009) evidenciam uma série de relevantes fenômenos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que mostram que clivadas e pseudoclivadas devem ter estruturas diferentes. Por fim, os trabalhos de Modesto (2001), Mioto (2003) e Mioto e Negrão (2007) discutem a questão C, por meio de uma comparação entre as clivadas e as frases relativas do PB, e fornecem importantes evidências de que o CP das clivadas não pode ser do tipo relativo.

Assumindo os resultados dos trabalhos sobre o PB acima citados, o presente estudo teve como objetivo fornecer uma ulterior contribuição. Em particular, foi nossa intenção:

(i) propor representações sintáticas para as clivadas que refletissem os diferentes tipos de interpretação focal. Como vimos, colocar o constituinte focalizado em diferentes posições de Foco nos permitiu oferecer uma explicação para as diferenças pragmático-discursivas entre clivadas canônicas e invertidas do PB;

(ii) propor uma estrutura que desse conta da assimetria sujeito-objeto que se verifica na focalização de nova informação através da clivadas canônicas;

(iii) fornecer uma proposta alternativa para os padrões de concordância das clivadas canônicas e invertidas.

FOCALIZATION, CARTOGRAPHY AND CLEFT SENTENCES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

In this paper, we discuss the syntactic and pragmatic-discursive behavior of cleft sentences in Brazilian Portuguese (henceforth BP) in cases of subject and object focalization. In order to account for some of the peculiarities of this type of sentence, we put together the analyses proposed by Belletti (2010) and by Roisenberg e Menuzzi (2008). We also propose a new account for the agreement patterns between the copula and the focalized constituent. Our main hypothesis is that cleft structures in BP make use of two different Focus projections according to the type of focal interpretation (contrastive focus versus new information focus).

KEY WORDS: focus; cartography; clefts; Brazilian Portuguese.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akmajian, A. 1970. On deriving cleft sentences from pseudo-cleft sentences. *Linguistic Inquiry*, 1: 149-168.

Belletti, A. (2001). Inversion as focalization. In: A. Hulk and J.Y. Pollock (eds.) *Subject Inversion in Romance and the theory of Universal Grammar*, New York: Oxford University Press.

_____. (2004). Aspects of the Low IP Area. In: Luigi Rizzi (ed.) *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2. New York: Oxford University Press.

_____. (ed.) (2004). *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. New York: Oxford University Press.

_____. (2005a). Extended Doubling and the VP Periphery. *Probus* 17(1).

_____. (2005b). *Answering with a cleft. The role of the null subject parameter and the VP periphery*, in Brugé L., Giusti G., Munaro N., Schweikert W. and Turano, G. (eds), Proceedings of the XXX Incontro di Grammatica Generativa, Venezia, Cafoscarina.

_____. (2005c). *Kinds of evidence for linguistic theory*. In the 17th Symposium on Theoretical and Applied Linguistics, Aristotle University, Thessaloniki.

_____. (2006). *Answering strategies. A view from acquisition*. Proceedings of Going Romance. Utrecht.

_____. (2009). *Structure and Strategies*. London: Routledge Leading Linguistics.

_____. (2010). *Revisiting the CP of clefts*. Disponível em <http://www.ciscl.unisi.it/>. Acessado em 05 de maio 2011.

Bolinger, G. (1972). A Look at Equations and Cleft Sentences. In Firchow, E., editor, *Studies for Einar Haugen*, pages 96–114. Mouton de Gruyter, The Hague.

Braga, M. L.; Kato, M. A.; Mito, C. (2009). As Construções Qu- no Português Brasileiro Falado: Relativas, Clivadas e Interrogativas. In: Castilho, A.; Kato, M. A.; Nascimento, M. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Vol III, 241-294.

Chomsky, N. (1970). Remarks on Nominalization. In: R. Jacobs and P. Rosenbaum (eds.), *Readings in English Transformational Grammar*, Ginn, Waltham, MA, 184-221.

_____. (1977). On Wh-movement. In: *Formal syntax*. Culicover, P.W., Wasw, T. & Akmajian, A. (eds.), pages. San Francisco, London: Academic Press.

Cinque, G. (ed) (2002). *Functional Structure in DP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 1, New York: Oxford University Press.

- Clech-Darbon, A.; Rialland, A.; Rebuschi, G. (1999). Are there Cleft Sentences in French? In: Tuller, L.; Rebuschi, G. (eds.). *The Grammar of focus*. Amsterdam; Philadelphia, PA: John Benjamins, 83-118.
- Costa, J.; Duarte, I. (2006). *Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português*. Ms: Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lisboa.
- Gross, L. N. (1968). A computer program for testing grammars on-line. MTP-102, The MITRE Corporation.
- Guesser, S. (2007). Soggetto Nullo e Focalizzazione del Soggetto in Portoghese Brasiliano. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Ciscl, Università di Siena, Siena, Itália.
- _____. (2011). Sentenças clivadas canônicas e invertidas do PB sob uma perspectiva cartográfica. Trabalho apresentado no Encontro nacional do grupo de trabalho em Teoria da Gramática. Maceió.
- Gundel, J. (1977). Where do clefts sentences come from? *Language*, 53:542–559.
- Horn, L. R. (1981). Exhaustiveness and the semantics of clefts. *NELS* 11, 125-142.
- Kato, M. A. (2000). The Partial Pro-Drop Nature and the Restricted VS Order in Brazilian Portuguese. In: Kato, M. e Negrão, E. (Orgs.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana.
- Kato, M. A. (2000). Restrição da monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*.
- Kayne, R. S. (1994). *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, MIT Press.
- Kiss, K. É. (1998). Identificational focus versus informational focus. *Language*, v.74, n. 2.
- Lambrecht, K. (2001). A framework for the analysis of cleft constructions. In: *Linguistics*, v. 39, n. 3.
- Lopes Rossi, M. A. (1993). Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil. In: Roberts, I.; Kato, M. A. (Ed.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 307-342.
- Mioto, C. (2001). Sobre o Sistema CP no Português Brasileiro. *Revista Letras*. n. 56, Curitiba.
- _____. (2003). Focalização e Quantificação. *Revista Letras* 61, Curitiba, 169-189.
- Modesto, M. (2001). *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento e prosódia*. São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP.
- Mioto, C.; Figueiredo Silva, M. C. (1995). Wh que = Wh é que? *D.E.L.T.A.*, v.11, n. 2, 301-311.
- Mioto, C.; Negrão, E. (2007). As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: Castilho, A. T. de; Torres de Moraes, M. A.; Vasconcelos Lopes, R. E.; Cyrino, S. M. L. (Orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo; Campinas: FAPESP; Pontes, 159-183.

- Quarezemin, S. (2005). Focalização do Sujeito no Português Brasileiro. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, SC.
- _____. (2009). Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica. 289f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, SC.
- _____. (2011). Clivadas e focalização no Português Brasileiro. In: Pires de Oliveira, R.; Miotto, C. (Orgs.) *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 95-114.
- Resenes, M. (2008). Sentenças Pseudoclivadas no Português Brasileiro. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, SC.
- Rialland, A.; Doetjes, J. & Rebuschi, G. (2002). What is focussed in C'est XP qui/que Cleft sentences in French, *Speech Prosody 2002, ISCA Archive*.
- Ribeiro, I. (2009). Construções de focalização. Comentários ao texto de Simone Guesser. Talk apresentado no Encontro nacional do grupo de trabalho em teoria da gramática. Brasília.
- Rizzi, L. (1997). The Fine Structure of the Left Periphery. In: Haegeman, L. (ed.) *Elements of Grammar*, Kluwer: Dordrecht.
- _____. (1996). Residual verb second and the Wh-criterion. In Belletti, A & L. Rizzi (Eds.) *Parameter and functional heads*. New York, Oxford, University Press, 63-90.
- _____. (2001). On the Position of Interrogative in the Left Periphery of the Clause. In: Cinque, G.; Salvi, G. P. (eds.) *Current Studies in Italian Syntax. Essays Offered to Lorenzo Renzi*, Oxford: Elsevier North-Holland.
- _____. (2006). On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In Cheng, L.; Corver, N. (eds.) *Wh movement: moving on*. Cambridge, The MIT Press, 97-134.
- _____. (2009). Movement and Concepts of Locality. In: M. Piattelli-Palmarini, J. Uriagereka, P. Salaburu Of Minds and Language- *The Basque Country Encounter with Noam Chomsky*. Oxford University Press, Oxford-New York, 155-168.
- Rizzi, Luigi; Shlonsky, Ur. Strategies of subject extraction. (2007). In: Gärtner, H.; Sauerland, U. (eds.). *Interfaces+recursion= language? Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics*. Berlino, Mouton de Gruyter.
- Roisenberg, G.; Menuzzi, S. (2008). Pressuposição, Exaustividade e Denegação nas Clivadas. *Revista de Estudos da Linguagem*.
- Ruwet, N. (1975). Introdução à gramática gerativa. São Paulo: Perspectiva, 357 p.
- Shlonsky, Ur; Soare, G. (2010). Where's 'why'? Artigo submetido à *Linguistic Inquiry*.